

## PREFÁCIO\*

A primeira vez que me deparei com uma realidade generalizada de alcunhas foi quando preparava o meu doutoramento e tive que passar algumas longas temporadas em Cedillo, do lado de lá do Rio Sever. Se já o falar de Cedillo não é fácil de entender, pior ficava quando me referia a alguém e na resposta me davam um nome completamente diferente. Procurava o Tenente Alcalde: “Ah, si, lo Botin!”. “Botin????” Em Cedillo ninguém era conhecido pelo seu nome de baptismo, todos, eles e elas, tinham uma alcunha que os identificava.

Esta realidade era de tal maneira generalizada que obrigou o Ayuntamiento a imprimir uma lista telefónica, específica para a povoação, com a alcunha de cada um e respectivo número de telefone. Para quem de fora vinha, tal como eu, era algo complicado tratar esta boa gente, que de braços abertos me acolheu, pelas respectivas alcunhas. Sentia-me desconfortável por pensar estar a ofender o outro. Mas, com o passar do tempo, fui-me habituando ao tratamento por alcunhas, sobretudo quando me apercebi que também já eu tinha sido renomeado em Cedillo. Como estudava as sepulturas megalíticas daquele Termo Municipal, recebi simpaticamente o nome de “Jordi de las Tumbas”. A partir desse momento, passei a fazer parte do grupo, fui recebido no seio da comunidade como mais um dos deles.

Trata-se de um acto de sociabilização e de aceitação no grupo. Passas a fazer parte deles. És mais um a quem a comunidade encontrou e reconheceu qualquer particularidade que te destaca dos outros. É a tua própria identidade que fica registada e sobreelevada. Chama-

---

\* O texto do Prefácio não foi escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico.

rem-me de Jorge, o meu nome de baptismo, era como se de um estranho se tratasse. “Jorges” há muitos, mas “Jordi de las Tumbas” era eu, aquele que naquelas terras isoladas desenvolvia uma actividade estranha e desconhecida, escavar tumbas. Foi, pois, em Cedillo que senti a força que uma alcunha pode ter na relação do rebaptizado com a sociedade e de esta com ele. Não havia ali nada de ofensivo, as alcunhas eram criadas por qualquer um e aceites pela comunidade, desde que esse novo nome o identificasse socialmente. A partir do momento em que me apercebi que era o “Jordi de las Tumbas”, senti-me como se tivesse acabado de transpor um qualquer ritual de passagem, perdia a minha antiga denominação, mas passava a pertencer a um grupo, deixava de ser um estranho e o relacionamento com o outro tornou-se familiar, franco e aberto. Dizia-me o “Botin” que algo de menos agradável se passa quando alguém de novo se vem estabelecer naquela terra e o tempo vai passando e não é rebaptizado. Algo se passa, será sempre um estranho, um marginal, alguém em quem a comunidade parece não confiar.

Eu, que já desde o tempo do Liceu vinha alcunhado pelo saudoso Dr. Barrocas como “Jorge Mamute” e só assim era conhecido naquela cidade de Portalegre, agora em Cedillo voltava a ser renomeado. Se no Liceu ser amigo, ou próximo, do “Jorge Mamute” era saber que se estava seguro, porque comigo ninguém se metia e defendia aqueles a quem eu tinha dado o privilégio de me tratarem por “Mamute”, esta relação configurava outra forma de sociabilização e de agrupamento sob a capa de alguém que fisicamente e de feitio (só nessa altura) não permitia que “Ihe comessem as papas na cabeça”. Mais uma vez a alcunha, neste caso de “Mamute”, que só pelo seu significado intrínseco metia respeito, num ambiente de alguma violência de juventude e de marialvismo alentejano que se vivia na época e que agora chamam de “bullying”, proporcionava alguma tranquilidade ao grupo que em meu torno se formava. Vemos, assim, como o ser alcunhado pode do ponto de vista social ter uma importância acrescida, na maioria dos casos positiva, se a pessoa que a recebe com ela souber conviver. Hoje, porque o meu email profissional é JOLI (Jorge de Oliveira), muita gente na minha universidade e fora dela, mas sobretudo entre os alunos, carinhosamente, penso eu,

me alcunham de “Professor Joli”. Em boa verdade, raras vezes os alunos se me dirigem pela alcunha, apenas quando em ambiente de escavação ou de convívio fora do espaço lectivo, mas na comunidade académica local e externa já todos sabem o meu endereço de email. É, pois, mais um acto de sociabilização e de sentido de pertença ser renomeado, ou alcunhado, pelo grupo onde nos inscrevemos ou nos tentamos inscrever.

Com o estudo que a Doutora Teresa Simão agora nos presenteia, podemos avaliar ao pormenor o sentido da alcunha, seja ela por defeito ou feitio. Como a autora constata, é nos meios mais pequenos, onde todos melhor, ou pior, se conhecem que as alcunham pululam. Teresa Simão, com o seu profundo conhecimento do concelho de Marvão, conseguiu compilar e maioritariamente explicar, subdividindo em tipologias, as alcunhas que por aqui correm. Mais do que documento científico da sua área de especialidade, é um documento de elevado interesse histórico. Pela forma como se encontra organizado, pela sua grande abrangência, este livro pode ser, e penso que deve ser, entendido também numa perspectiva de análise sociológica e comportamental duma comunidade que de alguma forma ainda se preserva relativamente unida, aceitando os que a ela pertencem e renomeando-os, para lhes conferir e acentuar a sua personalidade, por defeito ou feitio. Este documento histórico que se preservará no tempo passará a ser obrigatoriamente consultado por quem hoje, ou no futuro, quiser entender a sociedade marvanense e a sua sociabilidade. Possuir uma alcunha é sempre um sinal de pertença e não de exclusão; ainda que algumas possam parecer ofensivas, para todos os efeitos, pior se sentirão seguramente aqueles que nunca foram renomeados, porque, pelos vistos, a nenhum grupo pertencem.

Jorge de Oliveira